

## *Piracy is a sin!*

# Pirataria é pecado!

**Isabel Cafezeiro**

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Instituto de Computação, Universidade Federal Fluminense

isabel@hcte.ufrj.br, isabel@ic.uff.br

**Abstract.** *This paper discusses piracy in the light of the notion of stealing as appropriation of concepts proposed by Gilles Deleuze and Clair Parnet; and the colonized/colonizer asymmetry elaborated by Ivan da Costa Marques who proposes to perceive those destined to follow the direction of a construction and those that dictate the direction of a construction. Following Kavita Phillip, for whom the figure of the pirate functions as the one of a subordinate who inverts the power relations, the intention of this text is to highlight the mechanisms of restraint imposed by the colonizer on the spaces of proposition of the colonized and to decriminalize forms of contemporary articulations that enable disruptions in the networks of the great monopolies. This analysis embraces the field of arts and culture, science and technological innovation.*

**Keywords.** *Piracy. Stealing. Art . Science. Innovation.*

**Resumo.** Esse artigo aborda a pirataria sob a luz da noção de roubo enquanto apropriação de conceitos proposta por Gilles Deleuze e Clair Parnet; e da assimetria colonizado/colonizador elaborada por Ivan da Costa Marques que propõe perceber aqueles que são destinados a seguir os rumos de uma construção e aqueles que ditam os rumos de uma construção. Seguindo Kavita Phillip, para quem a figura do pirata funciona como a de um subalterno que inverte as relações de poder, a intenção desse texto é pôr em evidência os mecanismos de contenção impostos pelos colonizadores aos espaços de proposição dos colonizados e descriminalizar as formas de articulações contemporâneas que possibilitam rupturas nas redes dos grandes monopólios. Esta análise abraça o campo das artes e cultura, ciência e inovação tecnológica.

**Palavras-chave.** Pirataria . Roubo . Artes . Ciência . Inovação .

## 1. Tecnobrega

Belém do Pará é cidade portuária na foz do rio Guamá por onde escoou o legado da Amazônia. Belém se expandiu por terras “desabitadas”, o que significa ser habitada por grupos indígenas que ali estavam muito antes da ocupação do invasor português. No Bairro do Jurunas, à beira do Guará, a presença de indígenas e mestiços de índios e negros marca a cultura de uma região de periferia que serviu de moradia a operários da

construção de barcos e trabalhadores de atividades relegadas a indígenas e caboclos (remadores e práticos de navegação) (Carmem RODRIGUES, 2008). Alegria e efervescência é motivo de orgulho dentre os moradores do Jurunas; o bairro de periferia é conhecido por suas festas populares. Ali nasceu e cresceu Gaby Amarantos, a “Beyoncé brasileira”:

Em menos de três anos de carreira, consolidada pelos meios de comunicação, de 2010 a 2013, a cantora foi indicada a diversos prêmios da Música: *Grammy Latino*; *MTV Video Music Brasil* em 2012; *Prêmio Multishow*; o *Troféu de música da Associação Paulista de Críticos de Arte*, quando foi escolhida a melhor cantora de 2012; Melhores do Ano, no programa *Domingão do Faustão*, entre outros. Em 2011, foi eleita pela revista *Época* como uma das 100 personalidades mais influentes do Brasil. (Frederico TAVARES, Lorena SILVA, Thiago ARAÚJO, 2014)

Gaby traz na pele e na voz o retrato do lugar onde cresceu. Do Jurunas para o mundo, em 2013, ela conquistou Cannes com seus adereços inspirados nos índios da floresta Amazônica (PUREPEOPLE, 2013). É fundadora e porta-voz do estilo tecnobrega, cultura de periferia, que mistura a música brega com batidas eletrônicas e muitos elementos da cultura local. A música de Gaby Amarantos também antropofagiza sucessos internacionais, como a música "Tô Solteira", versão nacional de “Single Ladies”, da cantora estadunidense Beyoncé.

Em 2010, Gaby Amarantos integrava uma categoria de artistas populares para quem as gravadoras não abriam as portas. Em 2012, transitando por fora dos grandes circuitos através dos mecanismos das redes digitais, downloads, pirataria e mercado ilegal ela já era reconhecida como exportadora da música paraense para o mundo. Aí então despertou o assédio da grande mídia (Frederico TAVARES, Lorena SILVA, Thiago ARAÚJO, 2014). Nesse mesmo ano, Gaby lançou seu DVD “*Live in Jurunas*” pela Som Livre, uma grande gravadora brasileira. Desde a década de 1970 e, principalmente até o final da década de 1980, a Som Livre comercializa os sucessos das novelas da Rede Globo de Televisão, instituindo uma marca musical nas emoções dos brasileiros (Heloísa Buarque de ALMEIDA, 2007).

Teria Gaby Amarantos sucumbido aos apelos comerciais do grande circuito? Na verdade, ocorreu o oposto. A gravadora Som Livre precisou se adaptar às forças das mídias livres e pirataria: no mesmo dia do lançamento na Som Livre, 23 de março de 2012, Gaby Amarantos disponibilizou o DVD “*Live in Jurunas*” no *Youtube* (GABY, 2013). Em entrevista à revista TRIP, Gaby já tinha alertado:

Vejo o futuro sendo a internet, com a possibilidade de disponibilizar a sua música por YouTube, 4Shared... A obra é minha, faço o que quiser. Isso é a libertação! Vai ficar cada vez mais complicado para as gravadoras. Elas ainda são importantes para profissionalizar o artista, mas vejo isso, cada vez mais, como um movimento de reconhecer quem já está fazendo sucesso e não de apostar no novo. Não vai mais ser aquela mesmice, aquela repetição de uma fórmula que “deu certo”. Quando vou a festas, sinto uma alegria fake nas pessoas. Quando leio resenhas sobre mim, sinto uma necessidade das pessoas de algo novo, de um movimento que traga uma verdade. Uma coisa que não seja fabricada. Minha luta vem de anos. Não é uma gravadora ou um grande empresário que está injetando grana no meu trabalho. E o tecnobrega vai pegar de verdade. A gente está chegando dignamente, trazida por mãos preciosas. (Adriane ABDALLA, 2011, entrevistando Gaby Amarantos).

Ciente de que sua carreira se alicerçou nos mecanismos de livre circulação da Internet e ao mercado ilegal, a musa do tecnobrega considerou que “seria injustiça e burrice impor ao meu público que pague mais de 25 reais para me ouvir” (Lívia MACHADO, 2012). Passeando por entre as bancadas do mercado popular onde as vendas de DVD são feitas a “3 por 5”, ela canta “... e se tu for na aparelhagem tu vai ver só... Eu vou samplear, eu vou te roubar! Roubar! Roubar! Roubar!” (XIRLEY, 2020).

Roubar, dizem Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998, p. 16), é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou fazer como. É algo que, por ocorrer no encontro, gera um novo. Quem rouba, cria novas funções, novas formas, novos significados, é portanto um ato produtivo. Não é a apropriação ilícita, porque cultura, conhecimento e ciência não deveriam ser propriedades. Samplear, roubar são movimentos que possibilitam a sobrevivência produtiva de artistas que não teriam espaço pelas vias legitimadas.

É preciso, portanto, reconhecer e descriminalizar as formas de articulações contemporâneas que possibilitam que artistas rompam as redes dos grandes monopólios e saiam do anonimato. É preciso, ao mesmo tempo, compreender as formas de repressão desse processo pelos meios legitimados.

## 2. Bons artistas copiam, grandes artistas roubam

Átila Iamarino, doutor em virologia e comunicador com mais de dois milhões de seguidores em seu canal do YouTube, considerou importante retomar a frase de Steve Jobs na cena do filme *Pirates of Silicone Valey* (1999): “Bons artistas copiam, grandes artistas roubam” (XIAOMI, 2020). Segundo Jobs, a frase é de Picasso. Mas vemos que Leonardo Da Vinci e **T. S. Eliot também costumam figurar como possíveis autores, dentre outros ícones.**

Na cena, Jobs se referia ao roubo praticado pela Apple: roubaram da Xerox a ideia do mouse, do desktop e o desenho do teclado. Segundo Átila Iamarino, os Iphones fazem isso o tempo todo: “incorporam funções e capacidades que eram dos celulares androides, melhoram e fazem da sua forma” (XIAOMI, 2020, 6.50min). Por que então que o rótulo de pirata cai tão bem nos produtos chineses ou vindos do mundo subdesenvolvido, mas “não pega” nos produtos estadunidenses?

Iamarino retomou o caso da Suíça (XIAOMI, 2020, 2.28min), que atestou o florescer de um complexo industrial pela instalação de fábricas de produtos químicos vindas de países como a Alemanha em meados do século XIX. A Suíça não aplicava patentes de outros países e nem reconhecia processos químicos como propriedade intelectual, isto permitia a execução de receitas que haviam sido inventadas em outros lugares. Iamarino comenta: “Você provavelmente já viu a Suíça associada a produtos de qualidade, feitos com a precisão dos relógios, com o sabor dos chocolates, ou com o cuidado dos cosméticos”, mas no século XIX, “os alemães chamavam a Suíça de ‘nação dos piratas’ enquanto os franceses chamavam a Suíça da ‘terra da falsificação’”. São acusações semelhantes às que fazemos hoje à China.

Essa passagem de nação pirata à referência de eficiência e precisão aconteceu na Suíça e se repete em outros lugares porque o roubo dá a partida para a experiência de produzir. No processo de construção do produto roubado surgem as pequenas mudanças que

desencadeiam o percurso da inovação. São pequenas adaptações no processo de fabricação que decorrem das disponibilidades locais, pequenas funcionalidades que são introduzidas de acordo com as novas demandas. Essas mudanças se somam e, num determinado momento, o campo industrial já instalado e fortalecido reverte o jogo. O que era território livre para o roubo passa a demandar proteção contra as práticas imorais do submundo estrangeiro. O discurso é renovado com a repreensão das práticas de roubo até o ponto em que passamos a ver o “Made in Suiss” como atestado de eficiência, qualidade na fabricação de produtos honestos.

A Suíça passou a reconhecer as patentes. Iamarino mostra que este é o mesmo processo em que hoje se encontra a China. Se antes era acusada de pirata, falsificadora e fornecedora de produtos de baixa qualidade, hoje já é reconhecidamente grande produtora de tecnologia de ponta, superando a própria Apple. Se antes era local de montagem de produtos concebidos no exterior, hoje já acomoda a fabricação de produtos desde a concepção. Já vai ultrapassando o ponto em que as acusações de pirataria não mais funcionam como inibidores do consumo. O produto Chinês entrou no ciclo dos preços altos, concorrência internacional e ameaça aos grandes, já não é mais vagabundo. Os lugares que antes assumiam protagonismo na dita “produção de qualidade” passaram a encarar a China como um concorrente de respeito. Possivelmente em médio ou curto prazo, veremos a China defendendo seus produtos contra a pirataria.

### **3. Mac da periferia**

O que vamos relatar aqui sobre a empresa UNITRON e o computador produzido por ela está descrito em muitos detalhes em Marques (2003), e de uma forma pouco menos resumida do que a que apresentamos aqui em (Isabel CAFEZEIRO e Marcelo FORNAZIN, 2020). Esta história deixa à vista curtos espaços de desenvolvimento de inovações tecnológicas no Brasil da década de 1980. Relata uma proposição do colonizado, ou seja, daquele que segue o ritmo de uma certa construção, como define Ivan da Costa Marques (2003). Daí a serem desmerecidos, desacreditados, desmoralizados, preteridos para favorecer o colonizador, aquele que dita o ritmo de uma certa construção. Mesmo quando não há explicitamente um artefato a ser diretamente roubado, vemos que a moralidade que sustenta a acusação da prataria ainda se mantém, como se o produto inventado pelo colonizado roubasse do colonizador o direito de inventar.

Ivan da Costa Marques contou que a história do computador brasileiro UNITRON se deu no contexto da engenharia reversa, na década de 1980. A estratégia da clonagem vinha sendo utilizada como meio de produção de uma tecnologia que já circulava nos países desenvolvidos. A clonagem consiste na fabricação de um produto a partir de outro do qual se conhece apenas a “caixa” e as funcionalidades. Já era praticada por empresas em países desenvolvidos (Language Arts, Compaq, Phoenix), e não havendo cópia direta, não infringia os direitos autorais, não se caracterizava como crime. Assim, a IBM não interferia na clonagem de seus produtos e a Apple, quando recorria, perdia a causa.

A UNITRON, uma empresa paulista, desenvolveu um clone do microcomputador Macintosh 512. Em 1985, o projeto foi submetido à Secretaria Especial de Informática (SEI), o órgão que controlava a reserva de mercado em pleno regime ditatorial no

Brasil. O projeto foi investigado e aprovado como engenharia reversa, porém, cerca de um ano depois, a Apple acusou a UNITRON de cometer o crime de pirataria. O projeto foi novamente investigado. Especialistas foram convocados, examinaram a configuração técnica do produto, e emitiram o parecer favorável assegurando de que não se tratava de cópia, ao contrário disso, tratava-se um produto de tecnologia nacional. Em dezembro de 1987 a SEI liberou o computador da UNITRON, que seria agora apelidado de “Mac da Periferia”.

A audácia brasileira foi de tal forma incômoda para Apple e para o governo estadunidense que, em retaliação, ameaçou impor barreiras comerciais às exportações de empresas brasileiras. A reação brasileira foi resignada: em 18 de dezembro de 1987 o Brasil aprovou uma lei específica que passou a regulamentar o setor de software e aparelhou a SEI para que, em 21 de março de 1988, indeferisse o projeto da UNITRON, alegando que o projeto havia sido comercializado antes da aprovação final.

“Se a montanha não vai à Maomé, vai Maomé à montanha”. É um cinismo disfarçado de resignação: Maomé exigiu que a montanha viesse até ele. Deus negou. Maomé, então, agradeceu a misericórdia de Deus, pois o deslocamento da montanha esmagaria a todos. Aqui no Brasil, a montanha UNITRON, (por isso, em maiúsculas) manteve-se firme. A lei se deslocou até ela. Os brasileiros conformaram-se: o desenvolvimento da tecnologia nacional ofenderia a potente estadunidense. Esta não seria a primeira vez em que o governo brasileiro bateria uma ridícula, submissa continência à bandeira dos Estados Unidos.

A proibição não deixou alternativas com relação ao MAC 512. Mas UNITRON insistiu no projeto de produção de tecnologia. Desta vez, adotou o Mac 1024, e para evitar as acusações de pirataria do projeto anterior, alterou gabinete e características internas. Novamente a SEI indeferiu a aprovação do projeto da UNITRON com base em “deficiências técnicas”. A UNITRON apelou ao CONIN, órgão colegiado que julgava os recursos às decisões da SEI, mas a decisão foi mantida. A UNITRON fechou, sob acusações de comportamento imoral.

### **3. A ciência precisa de pirataria**

METEORO BRASIL é um canal do Youtube sobre cultura pop, ciência e filosofia. Atualmente atinge um público fiel de cerca de 900 mil inscritos, sem contar com as visualizações dos não-inscritos, que beira milhões. No sítio do canal METEORO BRASIL podemos ver que foi criado em 2017, com o propósito de efetivar uma comunicação humilde e respeitosa: “a gente não sabe mais do que você”. Os protagonistas são um jornalista e uma professora universitária, dos quais pouco sabemos, mas que se aproximam em uma gostosa intimidade com o público do canal.

Meteoro surgiu durante a crise pessoal, existencial e profissional de certo jornalista. Era um momento cataclísmico e, até por isso o projeto tem esse nome. Dessa crise, o tal jornalista só saiu graças ao incentivo generoso de uma artista que o convenceu a fazer o próprio conteúdo, do próprio jeito. Hoje, ambos se dedicaram ao Meteoro e entendem esse projeto como sua razão de viver. (METEORO BRASIL, 2020)



O METEORO produz vídeos com uma frequência surpreendente, abordando assuntos diversos. O que nos interessa mencionar aqui é “A ciência precisa de pirataria” (A CIÊNCIA, 2020), onde se fala do custo do artigo científico.

O vídeo deixa claro o caráter coletivo da produção científica, onde a avaliação dos pares tem um papel fundamental em um processo que pode alongar-se por anos até a publicação. Porém após a publicação, a circulação do trabalho dentro a comunidade acadêmica, como também fora dela, é ainda mais fundamental porque cada leitura pode significar uma adesão, uma refutação ou um ajuste (A CIÊNCIA, 2020, p.2:58min). O sistema de cobrança é um entrave na formação dessa rede mundial de colaboração científica. As grandes editoras atuam como intermediárias na cobrança pela publicação como também na cobrança pela leitura. Dessa forma, a rede de colaboração científica cede lugar a uma grande rede lucrativa onde autores pagam para publicar e a comunidade paga para ler, criando um mercado que movimentava mais de 10 bilhões de dólares por ano. A Elsevier, por exemplo, detém 38% de lucro (A CIÊNCIA, 2020,4.40min). Aqui entra a atuação dos piratas da rede.

Aaron Swartz, militante em favor do acesso livre, disponibilizou ao mundo os artigos científicos da JSTOR. Esta é mais uma empresa atravessadora no esquema das publicações científicas: compra artigos de editoras e gerencia o acesso privado. Aaron Swartz não suportou a perseguição. Suicidou-se na prisão em 2011 na véspera de ser condenado.

Alexandra Elbakyan, uma pesquisadora cujo trabalho só se tornou possível graças aos artigos que ela mesma pirateava, resolveu disponibilizar ao mundo o resultado de suas ações. Criou o Sci-hub (SCIHUB, sd), um site que possibilita o acesso a artigos a partir de assinaturas privadas que são cedidas por seus proprietários para este fim. “Para remover todas as barreiras no caminho da ciência” é o lema do Sci-hub. Os números são impressionantes: 83 milhões de artigos disponibilizados gratuitamente (A CIÊNCIA, 2020,12.18min), o que rendeu à jovem pirata um processo jurídico acionado pela Elsevier, uma condenação, e a vida clandestina. O METEORO conclui: “Pelo menos por enquanto, a maior parte do conhecimento científico gerado pelos cientistas, *tá* livre; longe das prisões inventadas pelas editoras pra enriquecer gente que *tá* nem aí pra ciência” (A CIÊNCIA, 2020,14:24min)

#### 4. Reflexões

Impossibilidades de sobrevivência são impostas aos que emergem fora dos grandes circuitos de financiamento. Essas barreiras se justificam no argumento do roubo e da imoralidade. Para sustentar o argumento é necessário que seja estabelecido um autor, ou dono, na esfera colonizador, que teria originado algo novo para ser roubado pelos colonizados. Mas a arte, a inovação e a ciência criam caminhos alternativos, pulando cercas. Desmerecidos pela ordem instituída, mas fortalecido nas identidades da cultura local, os piratas zombam da moralidade e reverterem a ordem.

Na análise que aqui desenvolvemos valorizamos a palavra dos blogs, clips e redes sociais. Mas Kavita Philipp (2008) já se encarregou de explicar o processo em termos

acadêmicos. Ela diz: “A figura do pirata funciona como a de um subalterno em termos de raça e gênero que inverte as relações de poder.”

Em Xirley Xarque e os malacos da TF (TF é abreviação de terra firme, por onde se pisa, pé no chão) Gaby Amarantos encarna uma manicure, moradora de uma invasão, que sai com seus dois capangas distribuindo CDs pelos camelôs da cidade (XIRLEY, 2020). Ao final do clip, uma advertência desliza na tela em letras grandes: “A prática da pirataria é pecado de acordo com as leis de Deus”. Gaby Amarantos se desloca das redes de criminalização e para as redes da fé e da moral. Dentre CDs piratas, pen drives douradas, imagens de entidades africanas e o altar em que Nossa Senhora de Nazaré carrega nos braços o Menino Jesus, ela mostra um cenário de escolha. Cada qual sabe o santo para quem vai ascender sua vela. Devo prestar contas pelo ato da pirataria? Partindo do ponto que cultura e conhecimento são livres...

## Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Referências bibliográficas

ABDALLA, Adriane. Gaby Amarantos: A garota da periferia de Belém que está decidida a ganhar o mundo sem sair do seu bairro. **Revista TRIP**, n.116. 2011. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gaby-amarantos> . Acesso em: 3 jul. 2020.

A CIÊNCIA precisa de pirataria. [S. l.: s. n.], 8 out. 2020. 1 vídeo (17:04 min). Publicado pelo canal METEORO BRASIL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A-6QrupOm1I&t=881s>. Acesso em: 30 out. 2020.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Consumidoras e heroínas: Consumidoras e heroínas: Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15 n. 1, p. 177-192, janeiro-abril/2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a11v15n1.pdf> Acesso em: mar/2020.

CAFEZEIRO, Isabel e FORNAZIN, Marcelo. Computação e interdisciplinaridade: estágio atual e possibilidades de diálogo. In: **Computação e sociedade: a profissão** - volume 1. [e-book]/ Organizadores: Cristiano Maciel; José Viterbo. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT Digital, 2020. Disponível em: <https://www.edufmt.com.br/product-page/computacao-e-sociedade-a-profissao-volume-1>. Acesso em: 30 out. 2020.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

GABY Amarantos: Live in Jurunas. [Produzido por] Gaby Amarantos. Brasil: Belém do Pará, 23 mar. 2013. 1 vídeo (31:17 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xZurp\\_HAcP4](https://www.youtube.com/watch?v=xZurp_HAcP4) . Acesso em: 30 jul. 2020.

MACHADO, Lívia. Quero ser pirateado, dizem artistas como Emicida e Gaby Amarantos. G1 Pop e Arte. 02/jan/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/01/quero->

[ser-pirateado-dizem-artistas-como-emicida-e-gaby-amarantos.html](#) . Acesso em: 13 mai. 2020.

MARQUES, Ivan da Costa: Minicomputadores brasileiros nos anos 1970: uma reserva de mercado democrática em meio ao autoritarismo. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, v. 10 n. 2, p. 657-81, maio-ago. 2003.

METEORO BRASIL. [S. l.: s. n.], Sitio do canal METEORO BRASIL. Disponível em: <https://meteorobrasil.com.br/sobre/>. Acesso em: 30 out. 2020.

PHILLIP, Kavita. Qué es la autoría tecnológica? La piratería y la propiedad intelectual. **Nomadas**, n. 28, abr 2008. Disponível em: <http://nomadas.ucentral.edu.co/index.php/inicio/21-ciberculturas-metaforas-praticas-sociales-y-colectivos-en-red-nomadas-28/260-que-es-la-autoria-tecnologica-la-pirateria-y-la-propiedad-intelectual> . Acesso em: nov/2020.

PIRATES OF Silicon Valley. Direção: Martyn Burke. Produção: Haft Entertainments. Estados Unidos: TNT. 1999

PUREPEOPLE. **Gaby Amarantos leva tecnobrega para Cannes em show para 800 convidados**. 2013. Disponível em: [https://www.purepeople.com.br/noticia/gaby-amarantos-leva-tecnobrega-para-cannes-em-show-para-800-convidados\\_a5299/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/gaby-amarantos-leva-tecnobrega-para-cannes-em-show-para-800-convidados_a5299/1) Acesso em: mai/2019.

RODRIGUES, Carmem, O Bairro do Jurunas, à beira do Rio Guamá. **Revista Mosaico**, v.1, n.2, p.143-156, jul./dez., 2008 Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/573> Acesso em: jan/2019.

SCIHUB. [S. l.: s. n.], Sitio do SCI-HUB, the first pirate website in the world to provide mass public access to tens millions of research papers. Disponível em: <https://sci-hub.tf/>. Acesso em: 10 out. 2020.

TAVARES, Frederico de Melo Brandão; SILVA, Lorena Cristine; ARAÚJO, Thiago Guimarães. Gaby Amarantos e o mercado fonográfico contemporâneo no Brasil: uma nova formação cultural. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 157-173, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88318> . Acesso em: 20 nov. 2020.

XIAOMI é o futuro. [Produzido por] Atila Iamarino. Brasil: Serrapilheira, 13 nov. 2013. 1 vídeo (18:26 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dn6N0i0WbKg&t=68s>. Acesso em: 30 jul. 2020.

XIRLEY – Gaby Amarantos. [Produzido por] Gaby Amarantos. Brasil: Belém do Pará, 10 fev. 2020. 1 vídeo (3:38 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gOsl0x3dwQE>. Acesso em: 30 jul. 2020.